

**Malcom
Ferdinand**

**UMA
ecologia
decolonial**

**pensar a partir do
mundo caribenho**

**tradução
Letícia Mei**

9	PREFÁCIO
	<i>Angela Y. Davis</i>
15	NOTA DA EDIÇÃO
20	prólogo
	uma dupla fratura colonial e ambiental: o Caribe no centro da tempestade moderna
45	parte I
	a tempestade moderna: violências ambientais e rupturas coloniais
46	1. O habitar colonial: uma Terra sem mundo
57	2. Os matricidas do Plantationoceno
69	3. O porão e o Negroceno
84	4. O ciclone colonial
97	parte II
	a arca de Noé: quando o ambientalismo recusa o mundo
98	5. A arca de Noé: o embarque ou o abandono do mundo
108	6. Reflorestar sem o mundo (Haiti)
121	7. O paraíso ou o inferno das reservas (Porto Rico)
128	8. A química dos senhores (Martinica e Guadalupe)
136	9. Uma ecologia colonial: no coração da dupla fratura

151	parte III
	o navio negreiro: sair do porão da modernidade em busca de um mundo
152	10. O navio negreiro: o desembarque fora-do-mundo
166	11. A ecologia quilombola: fugir do Plantationoceno
181	12. Rousseau, Thoreau e o aquilombamento civil
196	13. Uma ecologia decolonial: sair do porão
211	parte IV
	um navio-mundo: fazer-mundo para além da dupla fratura
212	14. Um navio-mundo: a política do encontro
226	15. Tomar corpo no mundo: reconectar-se com uma Mãe Terra
237	16. Alianças interespecies: causa animal e causa Negra
253	17. Uma ecologia-do-mundo: no convés da justiça
266	epílogo
	fazer-mundo diante da tempestade
275	agradecimentos
277	notas
311	POSFÁCIO
	Sociedade contra a <i>Plantation</i> : uma ressemantização ecológica dos quilombos <i>Guilherme Moura Fagundes</i>
317	SOBRE O AUTOR

prefácio

Angela Y. Davis

As análises sagazes de Malcom Ferdinand em *Uma ecologia decolonial* me instigaram a refletir de inúmeras maneiras sobre muitas das minhas próprias ideias centrais e experiências de vida ao longo das décadas. Me peguei pensando que este é um livro que eu gostaria de ter lido anos atrás, especialmente quando tentava compreender as inter-relacionalidades de gênero, raça e classe. E, enquanto eu pensava sobre as diversas maneiras pelas quais sua abordagem teórica e metodológica poderia ter acrescentado ao nosso pensamento naquela época, compreendi como suas conceitualizações iluminam perfeitamente o contexto necessário para a compreensão filosófica e coletiva das nossas atuais condições planetárias.

Quem reconhece como o caos do capitalismo racial contemporâneo nos enreda, com seus contornos heteropatriarcais, assim como quem tenta imaginar futuros emancipatórios de maneiras que não privilegiem um único componente da crise, se beneficiará imensamente da leitura deste texto notável. Ferdinand nos convida a mobilizar métodos holísticos de investigação e respostas a crises fundamentados nas interdependências que nos constituem como um todo – plantas, humanos e demais animais, solos, oceanos – ao mesmo tempo que reconhece que o racismo posicionou a supremacia branca no coração de nossas noções do humano.

Ao aceitar o convite para escrever um breve prefácio para a edição estadunidense deste livro, lembrei de minha primeira visita à Martinica, em dezembro de 2019, quando ouvi falar do impacto devastador do pesticida clordecona nas populações da Martinica e de Guadalupe. Ainda sinto o choque que tomei enquanto me perguntava por que eu não tinha nenhum conhecimento dessa calamitosa intersecção entre o capitalismo racial e as agressões sistemáticas ao meio ambiente, incluindo suas expressões humanas. Ironicamente, a banana é um dos únicos produtos da cadeia alimentar que não foi poluído pela

clordecona, desenvolvida justamente contra a broca-da-bananeira. O Caribe é uma parte do planeta com a qual vivencio já há bastante tempo um profundo parentesco espiritual por meio de sua literatura – especialmente Aimé Césaire e Maryse Condé – e de sua arte visual popular, pois tive a sorte de conhecer Euzhan Palcy em Paris no ano de 1983, logo após o lançamento de seu filme *La rue Cases-Nègres*,¹ quando eu buscava expandir minha consciência a respeito da crise ambiental que tinha lugar ali. Assim que comecei a ler *Uma ecologia decolonial*, rapidamente percebi que, embora seja importante aprender mais sobre um dos desastres ecológicos menos conhecidos do mundo, a pesquisa de Malcom Ferdinand, ao se engajar de maneira complexa e íntima com as condições do Caribe e das Américas, remodela radicalmente a forma como temos nos preparado para teorizar e nos envolver ativamente em protestos contra os ataques ao meio ambiente, de modo amplo.

Também fui tomada por ondas de autocrítica em relação a encontros anteriores com maneiras de compreender intersecções entre antirracismo e consciência ambiental. Há muitos anos, no rescaldo do meu próprio julgamento e após a conclusão bem-sucedida de uma sólida campanha global pela minha liberdade, ajudei a fundar a National Alliance Against Racist and Political Repression [Aliança nacional contra a repressão racista e política], uma organização que continua a defender prisioneiras e prisioneiros políticos e a participar em campanhas de educação popular sobre as ligações entre violência estatal e racismo estrutural. Uma de nossas lideranças, que já não se encontra entre nós, foi um organizador fenomenal chamado Damu Smith. Quando presidiu a repartição da Alliance em Washington, D.C., ele nos encorajou a incorporar desde cedo em nossos esforços o que agora chamamos de justiça ambiental. Nosso maior foco era contestar a repressão política e identificar a persistência da supremacia branca e do racismo estrutural, especialmente no âmbito do sistema jurídico penal. Lamento que naquela época não tenhamos reavaliado o quadro teórico que empregávamos para compreender a longa história da repressão racial e política nos Estados Unidos. Certamente reconhe-

1 Obra baseada no romance semiautobiográfico de Joseph Zobel com o mesmo título, de 1950. [N.T.]

cíamos o colonialismo e a escravidão como as opressões históricas fundacionais que permitiram as trajetórias que levaram, por exemplo, ao encarceramento de Mumia Abu-Jamal e de Leonard Peltier. Mas a noção que tínhamos dos danos gerados pelo colonialismo e pela escravidão não era tão vasta como teria sido se houvéssimos compreendido a gravidade das conexões que Damu nos incitava a fazer.

Um tempo depois, Damu Smith se tornou um dos fundadores do movimento de justiça ambiental, ao qual Malcom Ferdinand se refere. No Dia da Terra de 2001, Smith discursou durante um protesto organizado pelo Greenpeace em frente ao capitólio dos Estados Unidos:

Todos nós temos em nossos corpos, em nossos tecidos e em nosso sangue dezenas de produtos químicos oriundos de uma série de indústrias poluentes e processos industriais em curso pelo planeta. Particularmente nos Estados Unidos e em outros países industrializados, há fábricas como as de vinil, plástico e produtos petroquímicos que emitem toxinas perigosas que prejudicam a saúde humana e causam a morte de muitas pessoas [...]. Estamos sendo envenenados e mortos contra a nossa vontade. [...] Todo o planeta sofre com a poluição, mas existem algumas comunidades-alvo, comunidades que, como resultado da segmentação baseada em raça e renda, recebem uma parcela desproporcional da poluição do planeta e da nação. Pessoas racializadas,² Pretas [*African Americans*], latinas, indígenas, asiáticas e brancas pobres estão recebendo uma parcela desproporcional da poluição do país. Como resultado, os casos de doença e as

2 No original, “*person of color*”, termo de aliança política utilizado nos Estados Unidos, Canadá, Austrália e países da Europa Central. Sua tradução literal não consegue abranger os contextos de origem do termo, tampouco as subjetividades que ele abarca (pessoas oriundas ou descendentes de imigrantes do Sudeste Asiático, das Ilhas do Pacífico, do Oriente Médio etc.), uma vez que, aqui, os processos de racialização se deram de formas distintas daqueles dos países onde o termo surgiu e é utilizado. Além disso, sua tradução literal coincide com a expressão “pessoa de cor”, historicamente utilizada no Brasil para apagar ou “amenizar” traços exclusivos de negritude. Por uma opção editorial que permeia toda esta edição e que visa buscar proximidades com a terminologia nacional sem perder a precisão, optou-se aqui pelo uso de “pessoas racializadas”, ressoando o uso de “*personnes racisées*” por Malcom Ferdinand ao longo do livro. [N. T.]